

ASPECTOS DO AFETO NO CONTEXTO DA MEDIATIZAÇÃO DRAG

Lucas Bragança
Mestre em Comunicação e Territorialidades
Universidade Federal Fluminense - UFF
E-mail: lucasbragancafonseca@gmail.com

Orientador: Prof. Erly Vieira Jr
Universidade Federal Fluminense - UFF
E-mail: erlyvieirajr@hotmail.com

RESUMO

Nota-se na atualidade uma forte presença de drag queens nos mais variados contextos midiáticos. Isso teve início, principalmente, através da popularidade do programa estadunidense RuPaul's Drag Race em 2009. A partir disso, uma nova cena se articulou no Brasil, estabelecendo as drag queens como importantes figuras do entretenimento. Como apontado na dissertação "Drag: Corpo, Mídia e Afeto", aprovada em 2019, a qual este artigo apresenta parte das conclusões, a presença desses corpos e performances na mídia acaba convocando parte dos espectadores a performarem também como drag. Através de uma pesquisa que mesclou elementos da análise de discurso de cenas do programa e de entrevistas semiestruturadas realizadas com jovens drag queens do cenário nacional, o trabalho aponta para a relevância de três esferas do afeto na constituição desse ambiente cultural. O primeiro, no sentido da presença dessas performances afetarem sensorialmente o público; o segundo, na ideia da afetação (ou afeminação) desses corpos e o terceiro, abarca a esfera afetiva que se estabelece através de identificação com a comunidade LGBT+.

Palavras-chave: Drag Queen. Corpo. Mídia. Afeto.

INTRODUÇÃO

O sucesso das cantoras Pabllo Vittar e Glória Groove, dos canais do YouTube de Lorelay Fox e Rita von Huny, dos programas de televisão protagonizados por drag queens, como o Drag-me as a Queen (Canal E!) e a animação Super Drags (Netflix) são indícios de que a cultura drag vem sendo cada vez mais inserida midiaticamente. Ainda que já tenha ocorrido certa

notoriedade em parte da década de 1990 através, por exemplo, de grandes sucessos cinematográficos como Priscilla, Rainha do Deserto (Stephan Elliott, 1994) e Gaiola das Loucas (Mike Nichols, 1996) e do show de transformistas no programa do Silvio Santos, foi apenas em 2009, com o lançamento do programa RuPaul's Drag Race que as drags atingiram um outro escopo, mais amplo. Hoje, as drag queens não figuram apenas como um entretenimento exótico e esporádico, mas se apresentam midiaticamente de forma articulada, explicitando suas bandeiras, sua comunidade e também sua visualidade e corporalidade marcantes.

O objetivo deste estudo partiu da compreensão de que as drag queens representam, não apenas uma ruptura com o tradicional e com o normativo, mas também um objeto pouco explorado academicamente. O tema também apresenta a possibilidade de estudo sobre um processo incomum: o da saída da margem em direção ao mainstream. Qualquer fenômeno que colabore para que algum grupo socialmente marginalizado se torne celebrado – mesmo que por uma parcela social limitada – merece ser estudado. De mesma importância é o fato de que as drag queens encontraram espaços dentro de ambientes hegemonicamente normativos para se comunicar com sua própria comunidade e fortalecer seus laços.

Há uma limitada bibliografia sobre a temática e uma urgência em se compreender esse fenômeno frente à nítida expansão midiática desses corpos. No contexto brasileiro, essa presença midiática mais intensa percebida nos últimos anos, acabou por ressoar em um grande público, e, parte dele, passou a também querer performar como drag.

Aqui, será explorada parte da dissertação “Drag: Corpo, Mídia e Afeto” aprovada em 2019. Apresentarei, especialmente, o recorte que aborda a compreensão de como os espectadores são afetados pela presença desses corpos nas variadas plataformas midiáticas, com enfoque em RuPaul's Drag Race, chegando, inclusive, a experimentarem as sensorialidades e corporalidades da performance drag em seus próprios corpos.

Para o estudo, realizei uma análise de momentos, performances, corpos que causaram mais impacto (racionais, sensórios, emocionais, etc.) nos espectadores. A seleção desses objetos foi realizada através de interações dentro do grupo de Facebook “This is not RuPaul's Best Friends Race Group”. Tendo compreendido os discursos mais relevantes exibidos pelo programa, desenvolvi uma série de entrevistas com jovens drag queens a fim de entender de que forma o

conteúdo do programa influenciou na construção dessas outras corporalidades.

Essa investigação foi realizada na forma de entrevistas semiestruturadas com jovens drag queens brasileiras. A seleção obedeceu dois critérios principais: a região do país em que vivem e o tempo em que performam como drag (tendo em vista que o objetivo é traçar a nova cena drag a partir de RuPaul's Drag Race, o que, portanto, limitava o corpus a um grupo de faixa etária de, no máximo 25 anos). Essas drags foram estimuladas a falar sobre suas experiências de construção do corpo drag, suas performances e impressões sobre o programa e a nova cena midiática.

AS TRÊS ESFERAS AFETIVAS

Michael Hardt (2015) fala sobre uma virada afetiva nos estudos das ciências sociais. Esses trabalhos teriam enfoque no corpo a partir dos desenvolvimentos da Teoria Feminista americana e também da exploração das emoções levantada pela Teoria Queer. Essa virada afetiva conduz a pensar que afetamos o que está ao nosso redor, ao mesmo tempo em que somos afetados por ele, ou seja, a partir dos encontros entre os corpos.

Esses encontros podem se desenvolver em diversas esferas. No caso de RuPaul's Drag Race, ele se dá pelo audiovisual, a partir da espetacularização, da plasticidade e artificialidade do corpo e da performance drag, bem como das abordagens com os temas que o programa suscita e se conecta com o íntimo e o sensível do espectador. Contudo, esses encontros não se resumem à racionalidade da mente ou mesmo à materialidade dos corpos, mas a uma troca não-racionalizável, que é apreendida pelos afetos que se criam com a presença desses corpos e com o estar-no-mundo. Para Spinoza, os homens não seriam sujeitos pensantes, mas sujeitos aos afetos (sentimentos, paixões), retirando a visão atomizada do homem como o centro do real, para o entendimento do homem como um produto de encontros (Silva, 2012).

Nessa perspectiva, as afetividades, emoções e sensibilidades se dão pelos diversos estímulos sensoriais, hápticos, de entonação de voz, de plasticidade dos movimentos e uma longa cadeia de possibilidades propiciadas pelos encontros. A partir disso, se desenvolvem novas formas de contato e de interação, assim como novas possibilidades de existir e resistir.

Ao me debruçar sobre os episódios de RuPaul's Drag Race, notei o caráter confessional como um dos principais marcadores característicos do programa. Para Fernanda Bruno (2010, p.115): “O crescente aumento de programas de caráter confessional e ‘realista’ coloca os holofotes sobre o indivíduo e sua realidade ordinária, seus problemas psíquicos, conjugais, pessoais” criando uma ligação entre espectadores e participantes, em que estes acabam ganhando um alto grau de popularidade. Dessa forma, os reality-shows também criam suas próprias celebridades partindo de indivíduos comuns que se tornam notórios desde o momento em que são veiculados nessas mídias.

Em RuPaul's Drag Race, durante o processo de construção do corpo drag, especialmente no momento em que as drags estão se maquiando, elas conversam sobre suas vidas, seus passados, suas expectativas. Por meio desses depoimentos o programa comunica signos que são apreendidos pelos espectadores, produzindo afetos. Isso ocorre principalmente quando as dinâmicas tocam temas sensíveis à comunidade LGBTQ+, como problemas de autoaceitação, preconceito, violências etc.

Além disso, os desafios também apresentam o corpo drag como um grande espetáculo. Essas dinâmicas criam sensações físicas e psíquicas nos espectadores que são afetados pelas apresentações, roupas, brilho, humor – tudo que o camp¹ pode proporcionar como sensação através de sua artificialidade espetacular. Toda essa afetação presente nos ‘corpos masculinos’ das participantes ajudam a compreender a dimensão de que a construção do corpo drag não se trata apenas de um recurso estético, mas também político.

Durante todo processo de pesquisa, estive atento às dinâmicas e conversas dentro do grupo *This is not a RuPaul's best friend race group* do Facebook. No grupo, busquei compreender quais momentos e aspectos potencializavam os vínculos e engajamentos afetivos junto aos espectadores com a pergunta “Quais momentos mais te emocionaram em RuPaul's Drag Race e por que?²”. Embora mais concentradas nas descrições de reações emocionais diante de falas

¹ O camp é um tipo de esteticismo, um modo de ver o mundo como fenômeno estético (SONTAG, 1987), não em relação à beleza, mas ao artifício, estilização. O camp considera algo atraente por causa do seu valor irônico.

² A mais recente dessas postagens pode ser vista em: [<https://bit.ly/2T2ud55>]. Nela, me identifiquei como mestrando, solicitando ajuda dos integrantes do grupo. Alguns relatos serão utilizados como forma de ilustrar as relações afetivas que se estabelecem entre as queens e os espectadores. Os usuários serão identificados pelas iniciais de seus nomes e, quando possível, pela cidade e estado em que residem.

das personagens e menos centradas em sensações e engajamentos sensoriais/perceptivos, pude constatar através das respostas que os afetos levantados pelo programa são uma gama de possibilidades que sensibilizam corpos diferentemente³.

Apesar das três esferas do afeto (afeto no sentido de ser afetado sensorialmente pelas imagens, afeto no sentido de ser afetado no sentido afetado sensivelmente pelos discursos e afeto como característica da afeminação do corpo drag) serem importantes para o entendimento do fenômeno, as entrevistas apontaram um dado diferente ao formulado pela hipótese.

A maior parte das jovens drag queens não percebem uma relação direta entre a construção de seus corpos com o programa, mesmo sendo quase unânime, a visão de que há uma mediação dos corpos drag e que isso colaborou tanto no desenvolvimento de uma nova cena cultural, quanto em uma certa padronização estética na cultura. Essa percepção se deu, provavelmente, pela escolha consciente durante o processo de seleção, de diferentes visualidades artísticas, visando obter diferentes visões sobre as questões suscitadas pelo estudo. Ou seja, a escolha por diferentes visualidades drag acabou acarretando uma não identificação com a visualidade de RuPaul's Drag Race.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Além da constatação de que a escolha de diferentes visualidades drag tenha impactado diretamente no resultado sobre a percepção da influência do programa na construção dos corpos, há outro fato importante a ser pontuado. É natural que essas drags também não queiram se atrelar a um movimento “padronizado” que é criticado por elas mesmas. Assim, essa não identificação também pode ser uma forma de legitimar seus corpos drags como originais e não um produto da influência de conteúdos midiáticos.

Ressalto que o impacto cultural de RuPaul's Drag Race é limitado, dado ao fato do programa não ser exibido em canais brasileiros abertos. O programa já teve temporadas exibidas no Multishow, no Comedy Central e na VH1, mas a maior parte dos espectadores utilizam o

³ O BuzzFeed, inclusive, fez uma matéria com o título *41 momentos de RuPaul's Drag Race que estamos tentando superar*. Disponível em: [<https://bzfd.it/2GBmzsl>].

serviço de streaming Netflix e plataformas de download ilegais como os sites de torrents.

Todavia, mesmo que isso diminua seu alcance, não o freia. Prova disso é seu impacto junto à comunidade LGBT – percebido no alto engajamento nas comunidades de Facebook ou mesmo na construção de uma cena drag midiaticizada nunca vista anteriormente.

Partimos do pressuposto que os espectadores de RPDR e outras plataformas midiáticas de protagonismo drag são afetados pela explicitação da artificialidade dos gêneros e, com isso, sensibilizam seus corpos a produzirem novas concepções sobre os próprios corpos. Os tipos de afetos provocados por produtos midiáticos como RPDR ressoam corporalmente e simbolicamente em parte de seus espectadores, convocando-os a experimentarem o drag como parte constitutiva de uma nova identidade. Esses públicos, afetados pela cena midiática, passam a desenvolver uma nova cena nacional, pautada em influências do programa, mas também nos novos destaques da cena nos vários campos de atuação das drag queens.

A pluralidade dos corpos fantásticos midiaticizados drag afeta de maneira distinta os espectadores, alguns se interessam pela cultura drag por sua visualidade, outros por seu potencial político, outros pela brincadeira, etc. Da mesma maneira, a diversidade de histórias trazidas nas vivências e experiências das participantes, coloca uma ampla perspectiva de problemas, enfrentamentos, processos catárticos que cada pessoa, em especial os sujeitos dissidentes, sofrem. Cada história passa a interpelar um tipo de público que passa a se identificar tanto com as falas, quanto do uso drag como superação dessas problemáticas.

Como coloca Muniz Sodré (2002), a presença de um grupo social na mídia isoladamente não é capaz de provocar engajamento (e afetos). É preciso gerar reconhecimento narcísico para que a audiência se reconheça de alguma maneira no conteúdo exibido, sendo, então, o formato reality show estratégico por gerar mais empatia com seus personagens reais que programas roteirizados (MATEUS, 2012).

As temáticas e as materialidades dos corpos, assim, afetam em diferentes níveis os diferentes tipos de públicos, convidando a todos a performar como drag e utilizar esse corpo construído como uma plataforma política, artística, expressiva, identitária e qualquer outra possibilidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRAGANÇA, Lucas. **Desaquendendo a História Drag**: no Mundo, no Brasil e no Espírito Santo. Vitória: Edição Independente, 2019.

_____. Drag: Corpo, Mídia e Afeto. 2019, 138p. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Territorialidades) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2019. Disponível em: [<https://bit.ly/3at04lO>].

BRUNO, Fernanda. Máquinas de ver, modos de ser: visibilidade e subjetividade nas novas tecnologias de informação e de comunicação. Porto Alegre: Sulina, 2010.

HARDT, Michael. Para que servem os afetos? **Revista Digital**, ano IV, n.07, 2015. Disponível em: [<https://bit.ly/2Ettt0J>].

MATEUS, Samuel. Reality-Show: ascendências na hibridização. Revista Contemporânea v. 10, n. 2. Salvador: 2012. Disponível em: [<https://bit.ly/2Ver9QJ>].

_____. Reality-Show: uma análise de gênero. In **Revista Comunicando**, v.1, n.1, 2012. Disponível em: [<https://bit.ly/2C1obKo>].

SILVA, Rodrigo Souza. Intercessores do conceito de afeto na teoria deleuziana do cinema. **Intercom**. Ouro Preto, MG, 2012. Disponível em: [<https://bit.ly/2SXm7vf>].

SONTAG, Susan. **Notas sobre Camp**. In: Contra a interpretação. Porto Alegre: L&PM, 1987.